

**20.º COLÓQUIO DA  
ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES CATÓLICOS [APC]**

**"Cultura: mapas velhos, redes novas"**

(Sociedade de Geografia de Lisboa, 12 e 13 de Abril de 2002)

PARTICIPAÇÃO na Mesa Redonda:

**Os 20 anos dos Colóquios APC**

Cristina Nobre: **Duas décadas revisitadas**

Na minha intervenção pretendo fazer uma revisitação pelas duas décadas de Colóquios do APC, servindo-me de uma focalização do exterior sobre o interior e de uma perspectiva simultaneamente diacrónica e sincrónica, referindo-me à sequencialidade histórica dos 19 programas anteriores e às atitudes preponderantes nas temáticas envolvidas.

Procurarei mostrar como estas duas décadas desenham uma linha de imersão numa rede cultural alargada aos novos valores de uma sociedade em clivagem entre o espírito dito clássico e a demanda pragmática de modernas soluções.

### **Duas décadas revisitadas**

A minha participação nesta mesa redonda subordinada ao tema — *Os 20 anos dos Colóquios APC* — deixa-me especialmente feliz por dois motivos. Em primeiro lugar, por me ter sido pedido um olhar de fora para dentro sobre uma Associação de prestígio e grande dinamismo como é a APC, numa manifestação clara da sua abertura ao mundo e às novas redes (teias?) em que todos os homens-livres e empenhados de hoje navegam; em segundo lugar, pelo esforço de entendimento e inteligência que todo o olhar retrospectivo implica, ainda mais quando se trata de duas décadas tão complexas como são quase sempre as que coincidem com a mudança secular, a que se junta uma mudança de milénio, dentro de um novo paradigma do já reconhecido espírito finissecular.

Assim me parece muito apropriada a temática geral deste 20.º colóquio: "Cultura: mapas velhos, redes novas". Num mundo que é fisicamente o mesmo (embora novas fronteiras lhe venham dar uma fisionomia diferente; embora a intervenção humana tanto esteja a contribuir para modificar as suas próprias características demográficas, climáticas e naturais...) — um mundo de velhos mapas — a navegação cultural é, hoje, feita por parâmetros visuais e digitais cuja consequência é complexa, ambígua, enriquecedora e, por vezes, muito contraditória — um mundo de redes que permitem aproximar todas as distâncias (físicas, sociais, económicas, religiosas, culturais...), ao mesmo tempo que parecem fazer perigar a velha âncora referencial da *mimesis* ocidental.

Ao seguir cuidadosamente os programas dos 19 colóquios da APC, dei-me conta de que com o seu conteúdo poderia desenhar uma linha de imersão numa rede cultural alargada aos novos valores de uma sociedade em clivagem entre o espírito dito clássico e a demanda pragmática de modernas soluções. Vejamos, na horizontal linha da diacronia, temáticas como: Escola e Sociedade — que perspectivas para a juventude portuguesa?

(1983); Filosofia da Educação — Educar: o que é? (84); Pedagogia e Valores — Educar: para quê? (85); O Antropocentrismo — Que Homem educar? (86); A Escola e as Comunidades Europeias — Diplomados: que futuro? (89); O Saber na Escola — o quê e como aprender na Escola (92); A Escola e os "Media" — onde se aprende hoje? (93); Os professores: quem são? O estatuto deontológico do Professor (95); Escola-Pessoas-Textos-Livros — Aprender em tempos de internet (97). Em todas as temáticas atrás enunciadas, encontramos uma mesma raiz socrática do saber posicionado de forma interrogativa e questionadora, demonstrando uma clara vontade de esclarecimento e reflexão sobre os alicerces do Homem no mundo, em sociedade, na educação, perante os novos meios de comunicação, constantemente confrontado com uma perspectiva projectiva de futuro. Dir-se-á que estamos perante uma focalização predominantemente pedagógica, o que justificaria uma postura eminentemente didáctica e de divulgação, amplamente recomendada por todas as retóricas da antiguidade clássica. Acrescentarei que para além dessa observação notoriamente direccionada para o aspecto funcional e pragmático da comunicação e dos discursos, se desenha também (e com não menos intensidade) uma atitude humanista e hermenêutica de humildade perante o conhecimento conjugada com uma abertura a todos os novos saberes, sem nunca colocar à margem a omnipresente questão ética.

Um outro conjunto de temáticas abrangentes pode encontrar-se nas seguintes fórmulas programáticas: Ser professor, hoje (87); Os Descobrimentos — memória e projecto (88); Ecologia e Escola — para uma cidadania responsável (90); Construir a sociedade civil — o professor, a escola, o compromisso (91); A Escola no horizonte da família e do mundo (94); Escola — Afectividade — Sexualidade (96); A Escola no ano 2000 — o saber, o tempo e a história (98); Educação, Disciplina e Civismo (99); Alegria, Prazer e Dor na Escola (2000); Saber, Escola, Religião — novas atitudes culturais (2001). Neste outro bloco inscreve-se uma raiz de carácter afirmativo e fenomenológico, em que a reflexão sobre os temas se alia a um encaminhamento positivo e comprometido com um campo geral de valores morais, históricos, sociais, cívicos, familiares, pessoais, sentimentais, religiosos, culturais.

Assim, as atitudes hermenêutica e fenomenológica de relacionamento com o conhecimento, o mundo, e uma posição reflectida e consciente do homem actual nesse processo cultural, parecem-me ser vectores de importância capital no entendimento destas duas décadas de colóquios agora revisitadas. Através delas leio a possibilidade de conciliar esses velhos mapas canónicos do classicismo (sem os quais a nossa referencialidade histórica pode perigar, deixando-nos naufragos num mundo sem contornos...) com estas novas redes de uma cultura predominantemente voltada para o poder da imagem digital, uma nova autoridade dos contemporâneos saberes (com os quais a nossa referencialidade histórica se dilui, projectando-nos numa navegação sem limites... mas que deverá perseguir objectivos determinados sob pena de se revelar improdutivo...).

Mostrando-se perfeitamente dentro do seu tempo finissecular, um tempo de profundas interrogações, grandes transformações e permanentes dúvidas deontológicas, a APC soube, ao longo destas duas décadas, balançar harmoniosamente o questionamento intelectual com a esperança católica na fé dos homens de boa-vontade. Sem essa ínfima parte de mistério espiritual, qualquer actividade intelectual soçobra no puro negativismo. Por isso a criação continua a ser um mistério para todos. Os 20 criativos anos dos Colóquios APC não se limitam a ser apenas um referencial em termos culturais; eles são, sobretudo, uma afirmação de fé construída e auto-reflexiva projectada do velho para o novo mundo.

Permitir-me-ão, para terminar a minha breve participação nesta mesa redonda que vos leia um pequeno poema, constituído por duas quadras, de Afonso Lopes Vieira, o 40º. Cantar dos Búzios, incluído na sua última obra de poesia publicada ainda em vida, em 1940, camonianamente intitulada *Onde a terra se acaba e o mar começa*. Na figura literária de Afonso Lopes Vieira podemos ler uma personalidade complexa e rica que fez a transição entre o século XIX e o então novo século XX e, como todos os que atravessam crises epocais e culturais, de decadência, de reidentificação e de afirmação, no poema revela-se uma inquietação que é de sempre e que diz respeito a todos os homens-marinheiros no vasto mar

da cultura. Com essa inquietação, que me parece um retrato algo melancólico mas perspicaz do homem de cultura e de religião, darei por concluída a minha intervenção.

40

Felizes os vagabundos  
do vasto mundo, os sem lar,  
que de alma leve e olhos fundos  
nunca podem parar.

Felizes os bem-parados  
no profundo,  
os sossegados no mundo,  
os afogados do fundo!

S. Pedro de Moel, 15 de Março de 2002.

Cristina Nobre.